

A QUADERNA: DAS ORIGENS À REPRESENTAÇÃO DA FORMAÇÃO DO SARGENTO DO EXÉRCITO BRASILEIRO

Freitas, Islene da Conceição¹
islenecfreitas@gmail.com

A Heráldica!

Eis um mundo ideal. Primeiro porque é esquecido ou ignorado: o turista não precisa se arrear de indesejáveis encontros com teóricos maçantes, ou pernósticos inovadores. Depois – e isto é o que mais importa –, porque é um mundo onde tudo é nobre, tudo tem uma intenção de beleza moral, tudo tem um sentido superior, tudo é comemoração, emblema, figura, imagem, sinal (ALMEIDA, 1950, p.4).

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de investigar as origens e os significados da quaderna heráldica utilizada para simbolizar o curso de formação de sargentos do Exército Brasileiro. Esta pesquisa considera o poder da semiótica de criar outros significados do simbolismo inicial divergindo da heráldica que viabiliza a manutenção de tradições militares. Adotei a pesquisa bibliográfica e a análise de conteúdo como abordagem metodológica para o seguinte problema: pergunto se há relações entre as origens e significados da quaderna heráldica com a sua adoção como insígnia no Exército Brasileiro. A contribuição desse artigo para o campo das Ciências Militares está no resgate da força do simbolismo e das tradições na formação do sargento do Exército Brasileiro. O principal resultado deste trabalho aponta para um breve distanciamento do significado originário da quaderna militar para os dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Quaderna. Heráldica Militar. Semiótica. Sargento.

ABSTRACT

This article aims to investigate the origins and meanings of the quatrefoil used to symbolize the training course for NCO's in the Brazilian Army. This research considers the power of semiotics to create meanings other than the intended symbolism, diverging from the heraldry which makes possible the maintenance of military traditions. Bibliographic research and content analysis were adopted as a methodological approach to find out whether there are any relationships between the origins and meanings of the quatrefoil with its adoption as an insignia in the Brazilian Army. The contribution of this article to the field of Military Sciences lies

¹ 2º Ten OTT do Exército Brasileiro. Escola de Sargentos das Armas. Doutora em Ciências (Fiocruz). Mestre em Educação, Cultura e Comunicação (UERJ). Pedagoga (UNICSUL). Professora de Matemática (UFRRJ).

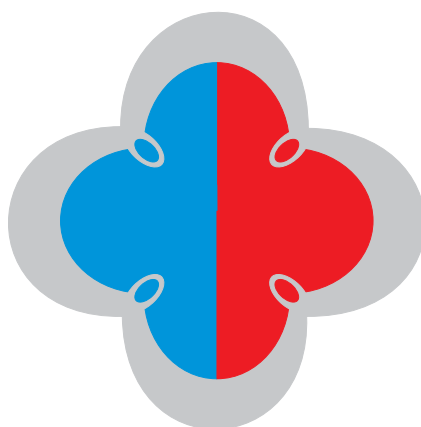
in the rescue of the power of symbolism and traditions in the training of the NCO of the Brazilian Army. The main result of this work points to a relative distancing from the original meaning of the military quatrefoil nowadays.

KEYWORDS: Quatrefoil. Military Heraldry. Semiotics. Sergeant.

INTRODUÇÃO

A quaderna é uma figura heráldica que une quatro peças iguais, em simetria, em torno de um eixo. Também denominada caderna, ela é composta por quatro meias-luas crescentes e entrelaçadas. Esse conjunto de quatro peças iguais estão dispostas, simetricamente, em torno de um eixo, em formato de quadrado. Quando vista de cima, esta insígnia é representada por quatro colunas estilizadas.

Figura 1: A Quaderna



Fonte: Brasil, 2015, p. 29.

Atualmente, a quaderna pertence a um universo imagético da heráldica, que imprime significados, com um objetivo de projetar uma identificação visual. A quaderna é dividida ao meio e tem, à esquerda, a cor azul-celeste e, à direita, a vermelha, alusões a dois grandes heróis da cavalaria, a saber: o Marechal Manoel Luiz Osório e o Brigadeiro Andrade Neves.

A heráldica é uma arte que estuda a concepção, a evolução e a interpretação de peças ou composições de brasões de armas ou escudos. Esse sistema de identificação visual envolvido de simbolismos históricos, políticos, culturais e sociais foi criado na Europa, no século XII, e se exprime por imagens que evidenciam pessoas e grupos sociais.

A heráldica militar surgiu devido à necessidade de identificar os soldados e evidenciar as suas funções. Essa ideia de caracterizar os soldados partiu dos senhores feudais, no século XII, que perceberam a necessidade de identificá-los por meio de símbolos heráldicos.

Neste cenário, a quaderna se destaca como uma figura emblemática na heráldica militar do Exército Brasileiro, utilizada como representação do Curso de Formação e Graduação de Sargentos.

A graduação militar de Sargento é uma das mais antigas e deriva do latim *servientes*, que significa “servir”. Bento (2007) afirma que a graduação de sargento existe desde 1500. A graduação se originou no Império Romano e o Sargento era um militar que servia ou auxiliava as Armas, atuando como escudeiro, cavaleiro ou no campo (BARBOSA, 2014).

Segundo Barbosa (2014), na Idade Média, o sargento pertenceu à Arma de Cavalaria e, por não ter uma nobre origem, diferenciava-se dos cavaleiros, combatendo com armas da Infantaria. O sargento era o responsável pela preparação dos soldados e trabalhava na administração militar. Como o cargo era de muito prestígio, Barbosa (2014) aponta que o sargento ficava entre os oficiais superiores (tenente-coronel e coronel) e os oficiais subalternos (alferes e capitão).

Barbosa (2014) ainda destaca a importância da atuação do sargento-mor Antônio Dias Cardoso, na Insurreição Pernambucana. Segundo o autor, os sargentos-mores possuíam alto prestígio, tanto dos comandantes, quanto dos soldados.

Após a reforma do Exército Português no século XVIII, realizada pelo alemão Conde de Lippe, o sargento-mor foi renomeado como major. Uma das medidas tomadas pelo Conde de Lippe foi passar o comando de tropas portuguesas para a responsabilidade dos oficiais subalternos (BARBOSA, 2014). Por comandarem as batalhas, os sargentos eram considerados o elo entre o comando e a tropa. Esta estratégia era uma das que visavam “criar condições à defesa do território nacional” (BARBOSA, 2014, p.166).

A reforma do Exército Português se baseou em três pilares: política, estratégica e cultural-militar, pois havia “[...] a inexistência de uma cultura militar no Exército Português e de uma cultura militar profissional” (FREIRE, 2005, p.163). Assim, a nossa Força Terrestre recebeu forte influência da cultura militar portuguesa.

O Exército Brasileiro tem a função precípua de contribuir para a garantia da soberania nacional, dos poderes constitucionais, da lei e da ordem, salvaguardando os interesses nacionais e cooperando com o desenvolvimento nacional e o bem-estar social. Para atender este objetivo, o EB tem como missão preparar o seu contingente, mantendo-o em permanente estado de prontidão.

Diante deste panorama que abarca a relação entre quaderna heráldica e o Curso de Formação e Graduação de Sargentos do Exército Brasileiro, esse artigo tem o objetivo de investigar as origens e os significados da quaderna heráldica utilizada para simbolizar a formação do nosso sargento. Esta pesquisa considera o poder da semiótica associado a narrativas visuais, como a manutenção de tradições militares. Busco responder o seguinte problema de pesquisa: Há relações entre as origens e os significados da quaderna heráldica com a sua adoção como insígnia no Exército Brasileiro?

O artigo está estruturado em cinco tópicos: introdução, metodologia, fundamentação teórica, resultados e considerações finais. Nesta introdução, apresento o tema a ser estudado, o

contexto desta investigação e o objetivo da pesquisa. Na metodologia, retomo o objetivo do artigo, a fim de descrever o tipo de análise de dados e o campo investigado para responder o problema de pesquisa que propus. Já, na fundamentação teórica, apresento os autores que investigaram essa temática. No quarto tópico, mostro e discuto os resultados da pesquisa. E, por fim, nas considerações finais, sintetizo os principais resultados deste trabalho.

METODOLOGIA

O objetivo deste trabalho é investigar as origens e os significados da quaderna heráldica, utilizada para simbolizar o Curso de Formação e Graduação de Sargentos do Exército Brasileiro.

Para esta investigação, adoto, como problema de pesquisa, as relações entre as origens e significados da quaderna heráldica, com a sua adoção como insígnia no Exército Brasileiro. Esta pesquisa qualitativa possui uma abordagem cuja natureza é básica. Ela também se caracteriza como exploratória, pois tem o propósito de compreender melhor a temática.

Para alcançar o objetivo deste trabalho, utilizo as técnicas de coleta de dados bibliográfica, documental e análise de conteúdo. A coleta de dados foi realizada em diversos *sites*, como: *Ebrevista*, *Google Acadêmico* e *Scielo*, com a intenção de buscar teses, livros, artigos, dicionários, decretos e portarias para fundamentar esse trabalho. Em especial, muitos materiais foram coletados no Arquivo Histórico da Escola de Sargentos das Armas (ESA) e na biblioteca da ESA, no primeiro semestre de 2021. Para Fonseca (2002),

Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 31-32).

As escolhas metodológicas definidas para a presente pesquisa permitem abarcar as potencialidades desta modalidade de investigação, que é histórica e teórica. Considero fundamental levantar “[...] um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados ao tema” (MARKONI; LAKATOS, 2003, p. 158). Desta forma, foi necessário associar a bibliográfica e documental à análise de conteúdo (BARDIN, 1977), que se define por

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não). A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção [...] inferência esta que recorre a indicadores quantitativos ou não (BARDIN, 1977, p. 20).

Troelsen (2009, p.14) destaca que a análise de conteúdo é “como um trabalho de um arqueólogo”. Para este autor, a metodologia desenvolvida por Bardin permite debruçar sobre documentos para “encontrar ou suscitar, traços estes que são a manifestação de estados, dados, características ou fenômeno” (p. 14). Troelsen (2009) também destaca as possibilidades de novas descobertas sobre os traços dos documentos investigados ao manipular os dados encontrados por inferência de conhecimentos.

Muitas das fontes utilizadas para atender o objetivo deste trabalho foram encontradas em artigos e livros de Portugal, que retratam sobre a origem da heráldica militar. A análise de dados foi o método histórico para o estudo de fontes de dados primários e secundários coletados nesse artigo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A heráldica é uma ciência cujo objetivo é estudar a origem e a evolução dos escudos e brasões. Ela é indispensável na representação social do indivíduo (SEIXAS; GALVÃO-TELLES, 2012). A heráldica também analisa, historicamente, essas representações, que podem ser artísticas, ou não, desde a sua composição, evolução e a posição hierárquica do indivíduo na sociedade.

A heráldica, com efeito, era então um elemento indispensável na representação social de alguém com semelhante estatuto, que não podia deixar de a ostentar nas mais diversas circunstâncias da sua vida: no selo que constituiria a prova da sua personalidade jurídica; no equipamento bélico que o identificaria na hoste régia e em combate; no monumento fúnebre que trataria de transmitir a posteridade a sua imagem e memória; além de outros espaços e objetos em que a heráldica serviria como forma de afirmação e posse. Quando não de construção de uma identidade social quer do indivíduo, quer da linhagem (SEIXAS; GALVÃO-TELLES, 2012, p. 429).

Os estudos sobre heráldica têm sido considerados significativos na pesquisa histórica, pois nos permitem identificar os símbolos de poder associados à imagem evidenciada nas representações. É possível que a heráldica, em si, tenha sua origem desde o início das civilizações, com o objetivo de identificar os integrantes de uma determinada classe social de uma sociedade, uma família, um cavaleiro, ou mesmo, uma cidade (FERNANDES, 2021).

Ramos (2020) destaca que, com a análise destes escudos e brasões de uma determinada época, é possível detectar elementos artísticos e culturais, identificar famílias e, também, descobrir o simbolismo criado com o uso dos escudos de guerras e batalhas.

O célebre poeta Guilherme de Almeida (1950), reconhecido como o grande heraldista brasileiro, comparou a heráldica com uma “floresta de símbolos”. A heráldica militar foi criada “para prevenir engano de identificação” (MUELLER, 2011) dentre os portadores de escudos ou brasões militares.

Símbolos diversos foram usados desde tempos imemoriais para identificar, além de indivíduos e famílias, grupos políticos e unidades militares. Todavia, a Heráldica surgiu realmente — como um sistema permanente, complexo e submetido a regras convencionais de insígnias legadas dentro das famílias — do desenvolvimento da aristocracia militar da Europa Medieval (MUELLER, 2011, p. 1).

Além da Europa Medieval, por também estar associada a guerras e batalhas, a heráldica se destacou com o uso de escudos e brasões para distinguir os participantes das batalhas na parte ocidental da Europa no século XII (MUELLER, 2011).

Contudo, quando se deseja entrelaçar a heráldica com a semiótica, haverá diferentes resultados de análises. “A análise semiótica nunca termina, pois, cada olhar sobre o objeto de estudo pode propiciar novas associações de sentido, novas correlações, novas significações” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2015, p.31). Assim, não considero o movimento circular da semiótica um perigo para a heráldica e seus significados, mas como um fenômeno infinito de significação. A semiótica pode ser aplicada aos estudos de heráldica atuando como uma ressignificação do sentido do símbolo. A heráldica é uma linguagem cujo código visa identificar o reconhecimento, e já exprime um significado *a priori*.

Para que práticas e textos signifiquem alguma coisa, é preciso que essas manifestações, seja qual for a sua natureza respectiva (e o observador que as leva em consideração), apresentem em si mesmas um mínimo de traços estruturais que permitam justamente que sejam “lidas” (LANDOWSKI, 2001, p. 31).

O conceito de semiótica criado por Charles Sanders Peirce a define como: “(...) a ciência da linguagem que busca desvendar os significados contidos em variados tipos de manifestações linguísticas, sejam elas imagéticas, sonoras, verbais, dentre outras” (DIAS; GOMES, 2013, p. 158). O significado da imagem a qual atribuímos um valor e sentido tem o objetivo de comunicar uma mensagem, sem usar palavras, e isso se dá por meio da comunicação, em que criamos sentido e significado.

A noção de imagem como representação nos interessa porque cria um vínculo comum entre todos os tipos de imagens até aqui expostas, precisando o termo imagem como algo que produz significados, isto é, interpretações na mente daquele ou daqueles que a percebe, tomando alguns traços emprestados do real, o qual por sua vez torna a ser revestido de novos sentidos pelo processo pela interpretação mental, gerando, como uma cadeia infinita, novos traços do real para constituição de novas imagens (AZEVEDO NETTO; FREIRE; PEREIRA, 2005, p. 20).

Quando a heráldica é associada a narrativas visuais, sob o olhar da semiótica, abrem-se novas possibilidades, que permitem observar se os significados coincidem, ou não, se são (re)construídos ao longo do tempo, se há outros significados para o mesmo símbolo e qual a investigação mais adequada (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2015).

O universo imagético vem ocupando lugar de destaque na sociedade contemporânea, justamente por ser, reconhecidamente, um dos principais recursos cognitivos (...) Com a instauração de um novo paradigma do conhecimento, a imagem passa a ser tratada como um significativo repositório de informações que antes passava despercebida (AZEVEDO NETTO; FREIRE; PEREIRA, 2005, p. 17).

Desta forma, os símbolos blasônicos podem assumir uma função de texto imagético, que podem ser analisados sob o olhar da semiótica. A heráldica militar, que visa à manutenção de tradições militares, passa a ter potencial produtor ou reconstrutor do significado da figura heráldica, sofrendo influência dos contornos socioculturais. Esse movimento não atende ao objetivo primordial da heráldica, mas pode ganhar novas interpretações ao ser ressignificado pelo seu conteúdo artístico (AUMONT, 1995).

Esta contínua circularidade é a condição normal da significação, e é isto que permite o uso comunicativo dos signos para referir-se a coisas. Refutar como teoricamente insatisfatória essa situação significa apenas que não se compreendeu qual seja o modo humano de significar, o mecanismo através do qual se fazem a história e a cultura, o modo mesmo pelo qual, definindo-se o mundo, se atua sobre ele, transformando-o (ECO, 1980, p. 60).

A heráldica militar é um sistema simbólico definido por regras rígidas e convenções, e possuem significados fechados. Já de maneira oposta, enquanto arte, as manifestações semissimbólicas permitem deduzir ou decidir o que a imagem comunica (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2015).

Enquanto arte, a heráldica autárquica Portuguesa (MORAES-ALEXANDRE, 2006) influenciou a cultura brasileira, com a adoção de seus costumes, por causa da colonização portuguesa. O Brasil, ainda como uma colônia, passou a adotar os mesmos símbolos militares de Portugal, e com a criação do Exército Brasileiro, em 1822, oficialmente, adotamos estruturas militares lusitanas (BARBOSA, 2014). Porém, foi em 1648 que surgiu o sentimento de nacionalidade, berço do Exército, na batalha de Guararapes.

Segundo Dias (2018), os símbolos militares do Exército Português impõem-se, comunicando a sua estabilidade, e são um elemento de preservação da História do Exército. Desta forma, a heráldica militar brasileira mantém a cultura da preservação iconográfica de sua história bélica. Além disso, cabe descobrir se os conceitos usados na criação dos símbolos heráldicos permanecem na sociedade contemporânea.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A quaderna foi adotada pelo Exército Brasileiro, em 1946, e buscava associar o papel do sargento ao elo perfeito entre o comando e a tropa. Esse significado também alude os dois pilares da instituição: hierarquia e disciplina, os quais representam o comandante de pequenas frações.

O desenho da quaderna alude a uma única figura, com a junção das quatro meias-luas e, ao centro, uma estrela cinza de cinco pontas, filetada com duplo contorno cinza. A imagem da lua crescente remete ao significado da possibilidade de crescimento, aprendizagem e experiência. Nas Armas Nacionais, a estrela de cinco pontas representa um manto protegendo o escudo (LUZ, 2010).

Com o trabalho intitulado “O Adjunto: memórias revisitadas no limiar do primeiro decênio da revista pedagógica da Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas (EASA)”, Lunardi e Carvalho (2020) destacam que a quaderna representa o Curso de Formação de Sargentos, com as cores do Exército. Assim, os autores apontam que a quaderna é uma forma de honrar o Sargento.

O General de Divisão Rosty, Chefe do Preparo da Força Terrestre, em visita ao Espaço Cultural da ESA, em seis de junho de 2022, declarou que a adoção da quaderna foi inspirada nas quatro Armas existentes no CFGS: Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenharia. Segundo o General Rosty, esse fato ocorreu quando a escola de sargentos se encontrava no Rio de Janeiro, e ainda não havia sido criado o curso de Comunicações. Já o General de Exército, Campos, ex-comandante militar do sudeste, afirmou, na cerimônia de diplomação do Curso de Formação de Sargentos, em primeiro de dezembro de 2017, que a quaderna significa trabalho.

No entanto, buscando as origens da quaderna, as motivações e os significados da sua adoção pelo Exército Brasileiro, encontrei resultados que nos permitem diversas reflexões, para além dos significados atuais da quaderna.

Ao buscar fazer uma análise histórica da origem do símbolo da quaderna, encontrei a sua origem na Península Ibérica, antes da formação de Portugal como nação. Os povos bárbaros que haviam tomado a Península dos romanos guerrearam contra os Mouros durante a expansão do Império Islâmico. Os Mouros originários do norte da África invadiram a Península Ibérica por volta de 711, após a morte do Rei Vitiza e a consequente crise de sucessão ao trono.

Por volta de 718, iniciou-se uma resistência dos hispânicos, que professavam o cristianismo, contra os mouros. O início dessa revolta, denominada de Pelágio ou Pelayo, se caracterizou por uma luta religiosa e política até a conquista de Granada (1492), e esse grande período foi denominado de “A Guerra da Reconquista”.

Os Mouros, desde essa época, já usavam a meia-lua e a estrela para simbolizarem a sua religião islâmica. Esta lua crescente, para os Mouros, fazia alusão ao calendário lunar, que guia a religião islâmica. Schlesinger (1983, p. 228) aponta que “a lua crescente é o símbolo da religião islâmica, evocando morte e ressurreição. [...] Para os místicos é o símbolo da fé que ilumina o caminho na direção da luz plena e perfeita”. Com a mesma interpretação sobre a lua, Eliade (1998) aponta,

Ela cresce, decresce e desaparece. É cíclica, nasce e morre, sempre em sua própria substância. É o astro dos ritmos da vida e por isso mesmo é ela que rege os ciclos das águas, das chuvas, da vegetação, da fertilidade. Ela é a referência para a medida do tempo, tanto para povos gregários, que vivem da agricultura, mas especialmente os povos nômades que vivem da caça e da recolecção utilizam o calendário lunar (ELIADE, 1998, p. 127).

Segundo Paganelli (2014), para o Islã, a lua é o “símbolo da dependência que o homem e a criação têm da renovação e da própria transformação (p. 4)”. Porém, a lua possui múltiplas interpretações e leituras ao longo da história, constituindo-se como um símbolo de poder (MARQUES, 2007). Há registros sobre o uso da meia-lua desde a Era Helenística, na Pérsia e no Império Romano, até o seu uso na contemporaneidade.

Para os hispânicos, povos que comporiam a futura nação portuguesa, a imagem da lua iria ser modificada com o fim da retomada da Península Ibérica e da vitória sobre os Mouros. A imagem da meia-lua e da estrela do Islã foi modificada como símbolo de vitória sobre o mundo islâmico, e passou a ser associada à reconquista cristã da Península Ibérica (TAVARES, 2019). Assim, a hipótese interpretativa para a criação da quaderna é:

[...] cristianização de um sinal conotado com o inimigo islâmico: assim, ao apoderar-se dos crescentes tradicionalmente ostentados pelos mouros e ao dispô-los de forma a aludir ao símbolo da cruz, tal emblema estaria a significar, recordar e invocar a vitória das forças cristas (SEIXAS; GALVÃO-TELLES, 2012, p. 214).

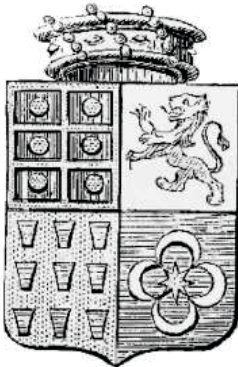
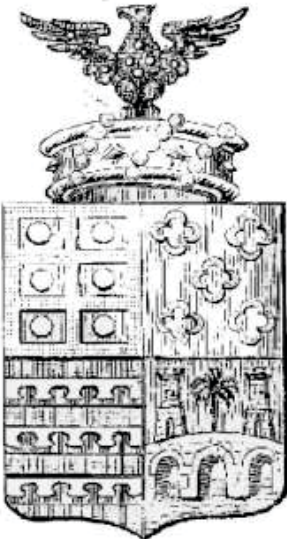
Com o símbolo da quaderna exalando vitória na guerra, e, sobretudo, simbolizando a reconquista e ressignificação nacionalista, diversas famílias nobres portuguesas na Idade Média adotaram a quaderna heráldica usada em brasões de armas, sendo, por fim, vinculada à participação militar na guerra.

A quaderna na heráldica portuguesa foi registrada em um selo por volta dos séculos XIII e XIV. Dom Dinis, o sexto rei de Portugal (1279-1325), usou um círculo canelado, o que chamamos hoje de quaderna, em um selo de Afonso Sanches, seu filho (SILVA, 2002). Dom Dinis foi um grande amante das artes e letras e foi conhecido como Rei Lavrador, por seu envolvimento na política de fomento da agricultura. Esse rei teve seus primeiros anos de governo marcados pela guerra (MORAES-ALEXANDRE, 2006).

O pesquisador Paulo Moraes-Alexandre, acadêmico-fundador e presidente da Academia Lusitana de Heráldica, associou a quaderna a um paraquedas aberto ao investigar o emblema da Associação de Paraquedistas Tejo-Norte de Lisboa, em Portugal (MORAES-ALEXANDRE, 2013). Segundo o pesquisador, a quaderna crescente de prata foi usada, pela primeira vez, por Sebastião José de Carvalho e Melo, que recebeu o título de Conde de Oeiras, em 1759, sendo, posteriormente, chamado Marquês de Pombal em 1769.

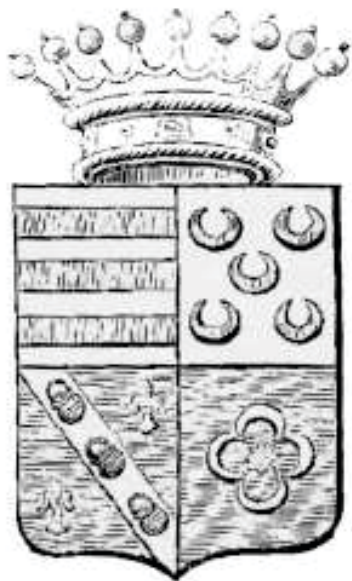
Investigando as relações do Marquês de Pombal com o Exército Português, conclui-se que o Marquês foi secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra (SENEG) de Portugal durante seis anos. Isso aponta para a manutenção do simbolismo da quaderna com a ressignificação nacionalista de reconquista do território, por meio da guerra.

No livro *Resenha das Famílias Titulares de Portugal*, de Pinto (1883), são encontradas dez famílias nobres que adotaram a quaderna em seus brasões. As famílias nobres recebiam seus títulos por serem vassalos do rei. Um vassalo era um cidadão que devia serviço militar ao seu líder. Ademais, em algum momento, o vassalo poderia ser convocado para a guerra.

TÍTULO FAMILIAR/ MOTIVO DE RECEBER O TÍTULO/ BRASÃO DO TÍTULO NOBILIÁRQUICO	
Marqueza de Fayal (1834) “em memória e para continuar a distinguir os eminentes serviços de seu Avô paterno, o 1.º Duque de Palmella, que tanto ilustrou o seu nome a bem do país, e da restauração e consolidação das instituições liberais e políticas da monarquia portuguesa” (SILVEIRA, 1883, p. 559-560). Esposa de militar Capitão de Mar e Guerra da armada nacional.  Quadernas nos segundo e terceiro quadrantes do brasão. Essa quaderna não foi associada a nenhuma família.	Barão Almeida (1851) Militar condecorado com a medalha de quatro campanhas da Guerra Peninsular. Inspetor fiscal do Exército.  Quaderna da família Carvalho no último quadrante do brasão.
Conde Azinhaga (1849) Militar condecorado pela Ordem de Leopoldo da Bélgica, Bacharel em Leis, pela universidade de Coimbra e diplomata.  Quaderna da família Carvalho no último quadrante do brasão.	Baroneza Catro Daire (1840) Esposa de General de Brigada do Exército Português, reformado e condecorado com a Medalha das Campanhas da Liberdade, condecorado com as Medalhas Militares de ouro, por bons serviços, e de prata, por valor militar e comportamento exemplar; Deputado da Nação Portuguesa em duas Legislaturas;  Quaderna da família dos Lemos no segundo quadrante do brasão.

Visconde de Borralha (1855)

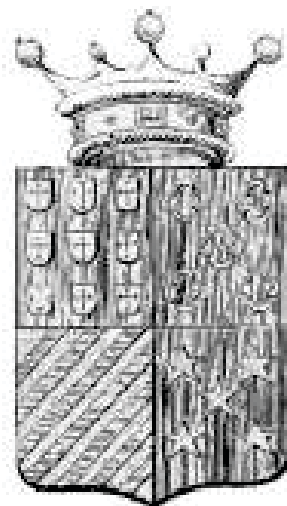
Descendente de militares e Capitão-mor do Exército Português.



Quaderna da família Carvalho no último quadrante do brasão.

Visconde d'Aljezur (1808)

Filho de um Tenente-general do Exército Português. Serviu a Sua Majestade, a Imperatriz do Brasil. 4.º Sr. do Morgado de Marapicu, no Rio de Janeiro; Comendador da Ordem da Estrela do Norte, da Suécia; Cavaleiro da Ordem de Cristo, do Brasil; Fidalgo da Casa Imperial.



Quaderna da família Couto no segundo quadrante do brasão.

Visconde Bela (1865)

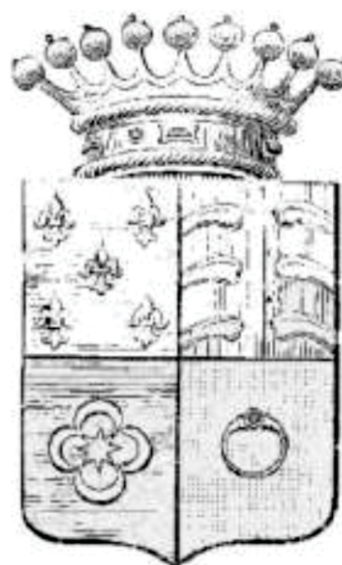
Cidadão espanhol, descendente de militares. Prestou serviços durante a epidemia da febre amarela, em Lisboa, em 1861. Comerciante formado pela Academia de Marinha e Comerciário da cidade do Porto.



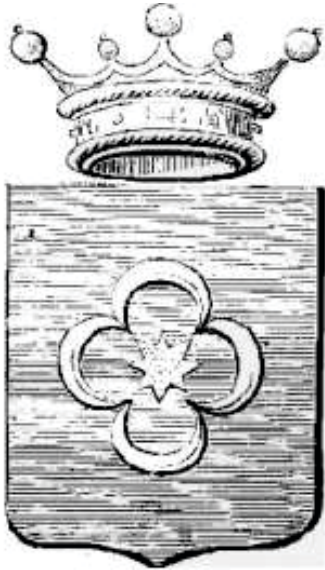
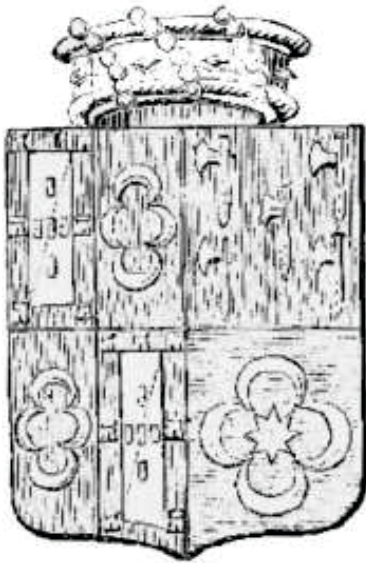
Quaderna da família Carvalho.

Conde Costa (1824)

General de Brigada de Exército, formado em Matemática, pela universidade de Coimbra.



Quaderna da família Carvalho no terceiro quadrante do brasão.

Visconde Chancelleiros (1847) Filho de militar, condecorado com medalhas por quatro campanhas na guerra peninsular.  Quaderna da família Carvalho, último quadrante do brasão.	Barão de Arcossó (1835) Brigadeiro do Exército Português  Quaderna da família Couto no segundo quadrante do brasão.
--	--

Fonte: Síntese feita pela autora, a partir de Pinto (1883)

Analisando essa síntese, consigo identificar que as nobres famílias portuguesas que usaram a quaderna em seu brasão têm uma ligação direta com a origem da heráldica da quaderna: todas as famílias, de alguma forma, estavam ligadas ao serviço militar. A vitória na Guerra da Reconquista teve forte significado para os portugueses. O sentimento de patriotismo foi elevado e exaltado nos brasões das famílias militares. A quaderna foi adotada como símbolo cultural de vitória e, posteriormente, levada para as colônias de Portugal.

O conjunto de simbolismo contido na colonização portuguesa no Brasil permitiu que um distintivo militar português, que significava reconquista cristã da Península Ibérica, fosse adotado na heráldica militar brasileira. O Exército Brasileiro incorporou a quaderna, anos mais tarde, para simbolizar o Curso de Formação de Sargentos.

O curso de sargentos foi sistematizado, oficialmente, na antiga Escola de Aprendizes Artilheiros, na cidade do Rio de Janeiro, em 1894. Mas, nessa época, a quaderna ainda não era usada no Exército Brasileiro. A quaderna foi adotada pela Escola de Sargentos das Armas (ESA) em 30 de março de 1946, um ano após a sua criação no bairro Realengo, no estado do Rio de Janeiro (BRASIL, 1946), para simbolizar o Curso de Formação de Sargentos. A Escola de Sargentos das Armas foi transferida para a cidade de Três Corações, no sul de Minas Gerais, em 1949, onde permanece até os dias atuais.

Além de simbolizar o Curso de Formação de Sargentos, a quaderna também foi vinculada ao distintivo do comandante de pequenas frações, em 1952. Ao adotar esse símbolo, o Exército ressignificou a interpretação da heráldica da quaderna, criada com a vitória na Guerra da Reconquista.

Como a heráldica pode ser vista como uma arte, ao longo do tempo, seus significados fechados podem se tornar manifestações semissimbólicas (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2015) e atender às novas interpretações, ao ser ressignificada (AUMONT, 1995).

Atualmente, a quaderna, que representa o Curso de Formação e Graduação de Sargentos, tem um significado polissêmico, isto é, pode ser a personificação da figura do Sargento, o trabalho, e até mesmo, a esperança. Isso demonstra que há um breve distanciamento do significado originário da quaderna militar para os dias atuais. Sob o olhar da semiótica, a quaderna heráldica pode ganhar novos contornos como este, ressignificados pelo Exército Brasileiro.

O interpretante realiza o processo da representação, ao mesmo tempo em que herda do signo o vínculo da representação. herdando esse vínculo, o interpretante gerará, por sua vez, um signo - interpretante que levará à frente, numa corrente sem fim, o processo de crescimento (SANTAELLA, 1995, p. 44).

No entanto, essa ressignificação não ameaça a origem da quaderna. O conceito de vitória está subtendido na ressignificação da quaderna. Além disto, o culto a valores éticos e morais, repleto de simbolismo, contribui para a coesão de um estilo e vida único do militar.

No Curso de Formação e Graduação de Sargentos, o distintivo é uma quaderna em metal prateado, contendo, em seu interior, dois campos: um, em azul-celeste, à direita, e outro em vermelho, à esquerda. E, no distintivo do Sargento do Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos, acrescenta-se, ao centro da quaderna, uma estrela de cinco pontas, na cor prateada, sob um escudo francês, em verde, filetado de prateado, sendo esse contorno, em vermelho, com debrum de prata.

A quaderna também é usada no Curso de Formação de Cabos, compondo-se de uma quaderna vazada em metal prateado. No Curso de Formação de Sargentos Temporários, a quaderna é usada em metal prateado, com o contorno e a linha de divisão entre dois campos em relevo. Isso caracteriza a formação da quaderna junto à progressão na carreira.

A quaderna também foi usada no estandarte distintivo para a ESA (BRASIL, 1952a), e o Exército Brasileiro adotou-a, ainda, no Regulamento de Uniforme do Pessoal do Exército, o RUPE (BRASIL, 1952b). Esse regulamento é, atualmente, chamado de Regulamento de Uniformes do Exército - RUE (BRASIL, 2015) e, em 1967, foi adotado como distintivo do Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos – o CAS (BRASIL, 1967).

Sob o ponto de vista heráldico, a quaderna militar do Exército Brasileiro ganhou novos contornos, com a introdução de cores neste símbolo. O vermelho faz alusão à guerra, à resistência do sangue, à disposição para lutar, significando vida e vitória. O azul-celeste faz referência às cores do Condado Portucalense, um dos feudos que deu origem ao reino de Portugal. Já a prata, ou argento, dentre os seus muitos significados, é associada à representação de pureza, limpeza, obediência e integridade. Esta cor simboliza a capacidade de vencer batalhas, sem derramamento de sangue (LUZ, 2010). As cores heráldicas dos símbolos da ESA, o vermelho, a prata e o azul-celeste, num contexto geral, evocam o culto militar aos seus significados, e o maior deles é a defesa da nação brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, o Curso de Formação e Graduação de Sargentos Combatentes é realizado na ESA, em Três Corações, Minas Gerais. A formação é realizada nas Armas de Infantaria, Cavalaria, Artilharia, Engenharia e Comunicações.

Em todos esses anos formando sargentos combatentes e, hodiernamente, como Instituição de Ensino Superior de Extensão e Pesquisa – IESEP (BRASIL, 2021), a ESA contempla a pesquisa científica como parte integrante da formação militar. É objetivo da ESA oferecer a habilidade técnica aos seus formandos e, além disso, instruir profissionais imbuídos de senso crítico e de espírito investigativo, com a missão de fazer ciência em prol da Pátria. Este curso é ministrado de forma teórico-prática, com um viés técnico-profissional, preparando o sargento para liderar seus subordinados e ser comandado por seus superiores.

A formação contemporânea do futuro sargento do Exército Brasileiro, pressupõe a capacitação para o exercício da função de comandante de pequenas frações, e de auxílio na chefia de pelotões nas diversas Organizações Militares do Exército, existentes em todo o território nacional, e em missões no exterior. Em tempos de guerra, o sargento é responsável por comandar os soldados nos campos de batalha.

Porém, no contexto da Guerra Moderna, o sargento tem papel de destaque, sendo responsável pela defesa da Pátria, abarcando as exigências tecnológicas, doutrinárias e psicossociais do novo combatente. Nesse sentido, o sargento tem a nobre missão de promover o entusiasmo, zelar pelo bem-estar e moral de sua tropa. Esse líder também é um gestor responsável pela aplicação e manutenção da doutrina militar, da capacitação técnica e tática dos subordinados.

Ao revisitar a memorável história da quaderna, percebe-se a força do seu simbolismo na formação do Sargento do Exército Brasileiro. Por meio desta pesquisa, ficou evidenciado que a

cultura militar portuguesa exerceu forte influência na cultura militar brasileira. Também demonstrei que há uma ausência de documentos oficiais e artigos científicos que expliquem a origem e os motivos da adoção da quaderna no Exército Brasileiro, apesar de seu significado ter sofrido mudanças ao longo dos anos.

Essa mudança de ressignificação da quaderna tem, por pano de fundo, a interpretação artística da quaderna e não somente o conceito heráldico. Originalmente, a quaderna do nosso sargento significa reconquista, mas a semiótica concedeu uma reinterpretação deste símbolo na cultura militar brasileira, o que não indica uma perda de tradição. O movimento circular da semiótica na quaderna não é um perigo para a manutenção das tradições militares. É um fenômeno infinito de significação da memória coletiva.

Portanto, "a valorização dos atributos heráldicos e as representações simbólicas" (TROELSEN, 2009, p. 20) devem ser preservadas em uma memória coletiva, que pode ser passada de geração em geração: "[...] memória essa, ligada a toda uma corrente de pensamento – e suas várias possibilidades de guardar o passado que passa a ser um saber constituído de vários povos" (TROELSEN, 2009. p.19).

Posso também fazer um paralelo entre as mudanças de significado da quaderna ao longo dos anos com as mudanças na formação do sargento, de nível fundamental para tecnólogo, ou, até mesmo, a evolução da graduação ao longo destes anos de história, o que carece de mais estudos.

Todavia, ficarei com a quaderna heráldica, que significa, atualmente, dentro da semiótica, o sargento brasileiro, e possui esse significado construído por uma memória coletiva, devido a uma nação que reconquistou as suas terras com grandeza. Assim, é com a vibração deste significado, que celebramos a quaderna, sob um olhar heráldico ou semiótico na formação do sargento brasileiro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. No Mundo dos Símbolos. **Diário de S. Paulo**, Ontem-Hoje-Amanhã. São Paulo, 1950.

AUMONT, J. **A imagem**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

AZEVEDO NETTO, C. X.; FREIRE, B. M. J.; PEREIRA, P. E. L. A Representação de Imagens no Acervo da Biblioteca Digital Paulo Freire – Proposta e percursos. *Ciência da Informação*. Brasília: IBICT, 2005. v. 33, n. 3, 2005. Disponível em: <<https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1029>>. Acesso em: 8 dez. 2021.

BARBOSA, F. P. As origens do sargento. in: ALVES P. S. F.; NADALIN E. L. (Org.). **Das origens do sargento ao seu aperfeiçoamento nos dias atuais**. Cruz Alta: Fundação Trompowsky, 2014, 13-18 p.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BENTO C. M. **Postos do Exército (1500-2000). Etimologia das Graduações**. Rio de Janeiro: AHIMTB, 2007. Disponível em: <<http://www.ahimtb.org.br>>. Acesso em: 13 mar. 2022.

BRASIL. Exército Brasileiro. **Boletim do Exército nº 13, de 30 de março de 1946**. A Escola de Sargentos das Armas. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1946, p. 893-897.

BRASIL. **Decreto nº 30.931, de 2 de junho de 1952**. Cria o Estandarte Distintivo da Escola de Sargentos das Armas. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1952a, p. 9266-9267.

BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. **Portaria, do Comandante do Exército, nº 1.650, de 10 dez de 2021**. Reconhece e credencia Escolas, Centros de Instrução e Instituições de Pesquisa como Instituições de Educação Superior, de Extensão e de Pesquisa. Brasília: Exército Brasileiro, 2021.

BRASIL. Exército Brasileiro. **Regulamento de Uniforme do Exército (RUE)**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 2015.

BRASIL. Exército Brasileiro. **Regulamento de Uniformes do Exército (RUPE)**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1952b.

BRASIL. Exército Brasileiro. **Regulamento de Uniformes do Pessoal do Exército**. Rio de Janeiro, RJ: Secretaria-Geral do Exército, 1967.

DIAS, D. T. **A preservação iconográfica da História Militar: a heráldica como meio**. Universidade NOVA de Lisboa, 2018. p. 427-440.

DIAS, M. L. S. GOMES, F. W. B. Fallen Princesses: Uma Análise Semiótica. **Cadernos de Semiótica Aplicada**. São Paulo: UNESP, 2013. v. 11, n. 2, dez. 2013.

ECO, U **Tratado geral de semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

ELIADE, M. **Tratado de história das religiões**. Tradução Fernando Tomaz e Natália Nunes 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FERNANDES, A. A. **Heráldica: origens, símbolos, desenhos e sua presença no século XXI. Genealogia e Historia**. Abril, 2021. Disponível em: <https://www.genealogiahistoria.com.br/index_historia.asp?categoria=4&categoria2=4&subcategoria=48>. Acesso em: 9 ago. 2022.

FREIRE, M. Um olhar actual sobre a “transformação” do Conde de Lippe. **Revista Nação e Defesa**. Lisboa: IDN, 2005. nº 112, v. 3, 2005, p. 137-166.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2002, 127 p.

GALVÃO-TELLES, J. B., SEIXAS, M. M. Sousas Chichorros e Sousas de Arronches: um enigma heráldico. In: SEIXAS, M. M.; ROSAS, M. L. **Estudos de Heráldica Militar**. Editoras Instituto de Estudos Medievais/ CLEGH / Caminhos Romanos, 2012, p. 411-444.

LAKATOS, E. M., MARCONI, M. A **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

LANDOWSKI, E. O olhar comprometido. **Revista Galáxia**. São Paulo, n. 2, p. 19-56, 2001.

LUNARDI, O. K.; CARVALHO, M. W. O Adjunto: memória revisitadas no limiar do primeiro decênio da Revista Pedagógica da Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas (EASA). **O Adjunto: Revista Pedagógica da Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas**. Cruz Alta: EASA, 2020. v. 8, n. 1, p. 9-17, 26 abr. 2020.

LUZ, M. **A História dos Símbolos Nacionais**. Brasília: Editora Senado, 2010, 210 p.

MARQUES P. Sob a influência da lua: António Nobre. **Revista de Educação da Unopar**. Londrina: UNOPAR, 2007. v. 10, n. 10, 2007, p. 211-16.

MORAES-ALEXANDRE, P. **A arte e a heráldica autárquica em Portugal**. Lisboa: Centro Lusíada de Estudos Genealógicos e Heráldicos, Universidade Lusíada, 2006, 20 p.

MORAES-ALEXANDRE, P. **O gabinete de heráldica do exército e a heráldica associativa**. Lisboa: Academia Lusitana de Heráldica, 2013, p.51-58.

MUELLER, E. A Heráldica ontem e hoje. **ÁGORA: Arquivologia em debate**, [S. l.], v. 4, n. 7, p. 25–27, 2011. Disponível em: <<https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/63>>. Acesso em: 16 ago. 2022.

OLIVEIRA, H.; OLIVEIRA, S. R. O simbólico e o semi-simbólico: no entrecruzamento de duas propostas para a leitura do brasão do Papa Francisco. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 12-36, abril. 2015. Disponível em: <<https://http://seer.ufrgs.br/gearte>>. Acesso em: 12 set. 2022.

PAGANELLI, M. A mitologia lunar modelando o monoteísmo islâmico e formando a cidade árabe. **Revista Nures**, ano 10, n. 28, set/dez, 2014, p. 1-12.

PINTO, A. A. S. **Resenha das famílias titulares e grandes de Portugal**. Lisboa: Editora Francisco Arthur da Silva, 1883.

PORTO, H., SCHLESINGER, H. Crenças, seitas e símbolos religiosos. São Paulo, Paulinas, 1983, p. 228.

RAMOS, J. E .M. Heráldica. SuaPesquisa.com. 2020. Disponível em: <<https://www.suapesquisa.com/historia/heraldica.htm>>. Acesso em: 9 ago. 2022.

SANTAELLA, L. A Teoria Geral dos signos: semiose e autogeração. São Paulo: Editora Ática S. A., 1995.

SILVA, J. M. P. A Heráldica do Exército na actualidade. In: **Tabardo**. Lisboa: Centro Lusíada de Estudos Heráldicos e Genealógicos. Universidade Lusíada, n. 1, 2002.

TAVARES, P. S. A lua como símbolo ao longo da história. **Diário de Notícias**. 2019, 19 de jul. Disponível: <<https://www.dn.pt/1864/a-lua-como-simbolo-ao-longo-da-historia-10956268.html>>. Acesso em 12 set. 2021.

TROELSEN, J. B. T. L. **Brasões da UFBA: estudo da informação em uma abordagem semiótica**. 2009. 207p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação. Salvador: UFBA.